

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	FILOSOFIA E CULTURA II		
CÓDIGO	GFL 00121		
DOCENTE	TEREZA C CALOMENI		
PERÍODO	2025.2	HORÁRIO	QUARTA – 9:00-13:00

CURSO: A “EXPERIÊNCIA TRÁGICA” DA LOUCURA E A “EXPERIÊNCIA LITERÁRIA”

Em 1961, Michel Foucault publica *História da loucura na Idade Clássica*. Originalmente escrito como tese de doutorado em Filosofia, o livro -- uma “arqueologia do silêncio” a que se submete a loucura pela *ratio* ocidental – é estruturado a partir de um recorte temporal: Foucault caminha do final da Idade Média e início do Renascimento ao final do século XVIII, empenhado em investigar as condições históricas que favorecem tanto o surgimento da Psiquiatria como discurso científico sobre a loucura quanto a constituição do asilo como lugar de tratamento do louco no limiar do século XIX. A observação do Renascimento tem um valor instrumental, mas é decisiva: no retorno à Renascença, Foucault encontra duas formas de consideração da loucura e do louco, “experiência trágica” e “consciência crítica”, e o gradativo predomínio, radicalizado na Idade Clássica, de uma sobre a outra. A primeira se expressa na pintura de Bosch, Brueghel, Thierry Bouts e Dürer e, de certa forma, na literatura de Cervantes e de Shakespeare; a segunda está presente no discurso literário e filosófico, em textos de Erasmo e Montaigne, por exemplo. Aos olhos de Foucault, a crítica incipiente no Renascimento dá início ao processo de subordinação da loucura pela razão consolidado na Idade Clássica: não mais expressão de um saber “trágico”, a loucura é forçada a silenciar-se, cedendo espaço às exigências do saber racional.

A referência à “experiência trágica da loucura” é sintoma significativo da influência de Nietzsche e sinal de que, neste momento, ressoa na escrita foucaultiana a reflexão configurada em *O nascimento da tragédia* sobre a separação entre filosofia e pensamento trágico pré-socrático, entre filosofia e arte. Assim como, para Nietzsche, o trágico é abafado pela “vontade de verdade a qualquer preço”, mas (re)aparece na cultura moderna, para Foucault, a

razão silencia a loucura que, no entanto, como “experiência trágica”, (res)surge como linguagem transgressora em pensadores como o próprio Nietzsche e na arte: Goya e Van Gogh, Sade, Hölderlin, Nerval, Roussel, e Artaud são bons testemunhos de que a “experiência trágica” da loucura permanece no interior da cultura ocidental.

O reconhecimento da influência de Nietzsche – conformada, inclusive, pela leitura de pensadores franceses bem próximos do estilo nietzschiano de pensamento e de escritura, como Bataille, Klossowski e Blanchot -- é fundamental para a compreensão da dimensão filosófica de *História da loucura*. Com a elaboração de uma história arqueológica interessada em pensar as condições de emergência dos saberes modernos sobre o homem, ao mesmo tempo, Foucault se afasta da epistemologia, demonstra sua opção pela filosofia crítica do sujeito, põe em cena uma discussão sobre os limites impostos por toda sociedade e se aproxima da literatura.

Nos anos 1960, é particularmente na literatura que, para Foucault, se inscreve a chance de contestação da cultura obcecada por critérios racionais e, neste caso, da própria disjunção razão/loucura. Inspirado em Bataille e em Blanchot, Foucault entende que a literatura moderna é uma espécie de alternativa a esse esforço histórico de encarceramento da loucura na linguagem e na verdade da razão, presa ao mundo da representação; na literatura, pensa ele, pode-se restaurar o diálogo desfeito entre razão e desrazão, uma vez que a “experiência literária” acolhe e enfrenta o risco da loucura. Embora não afirme que se trata de simplesmente recusar a linguagem racional para, com tal recusa, conquistar uma linguagem mais autêntica, nesse momento de seu percurso filosófico, Foucault acredita que a literatura é, não a responsável pelo encontro da loucura “em seu estado selvagem”, mas um lugar de problematização do gesto de partilha -- de confronto ou de comércio -- entre razão e loucura, da loucura como linguagem transgressora das leis da linguagem e, em última instância, de um tipo de cultura que quer esconder sua “parte maldita”.

OBJETIVO

O curso tem como objetivo principal investigar a relação estabelecida por Foucault entre loucura, “experiência trágica” e literatura como elemento de sua crítica da cultura.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução ao pensamento de Michel Foucault: “arqueologia”, “genealogia” e “ética”
2. Principais formulações de *História da loucura na Idade Clássica*:
 - 2.1. o caráter errante do louco; loucura e verdade no Renascimento; a “experiência trágica” e a “consciência crítica”;
 - 2.2. a estranheza do louco na Idade Clássica; a percepção do louco e a dedução da loucura; razão e desrazão; a loucura como doença; o processo de dominação da loucura pela razão na Idade Clássica; Descartes e a expulsão da loucura do interior do pensamento; loucura e extravio da verdade; o Grande Internamento; o privilégio do encarceramento sobre a razão médica;
 - 2.3. a loucura como patologia e o louco como doente mental; loucura e alienação; a constituição do asilo psiquiátrico e da Psiquiatria; loucura e psicanálise freudiana; o mérito e o demérito de Freud ou a ambivalência de Foucault em relação a Freud; a possibilidade da cura.
3. A relação entre *O nascimento da tragédia* e *História da loucura*: trágico e filosofia, loucura e razão; a linguagem da razão e a linguagem-*rumor* da loucura.
4. A loucura como “ausência de obra” e a loucura como linguagem.
5. Loucura e “experiência trágica”; “experiência trágica” como requisito para a crítica do saber racional sobre a loucura.
6. Loucura e “experiência literária”; Nietzsche e a crítica da filosofia do sujeito.
7. Leitura de textos de Artaud, Gogol, Lima Barreto e Edgar Allan Poe.

INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

DUAS AVALIAÇÕES

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DERRIDA, Jacques. *Fazer justiça a Freud*. In: ROUDINESCO, Elisabeth; et. al. Foucault; leituras da História da loucura. Tradução Maria Igenes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FOUCAULT, Michel. *La folie, l'absence d'oeuvre*. In: Dits et écrits, 1954-1988, I, 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994. / *A loucura, a ausência da obra*. In: Ditos e escritos, vol. I. São Paulo: Forense Universitária, 1999.

_____. *Histoire de la folie à l'Âge Classique*. Paris: Gallimard, 1972. / *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Préface*. In: Dits et écrits, 1954-1988, I, 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994. / *Prefácio (à História da loucura)*. In: Ditos e escritos, vol. I. São Paulo: Forense Universitária, 1999.

_____. *Réponse à Derrida*. In: Dits et écrits, 1954-1988, I, 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994. / *Resposta a Derrida*. In: Ditos e escritos, vol. I. São Paulo: Forense Universitária, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Leituras da história da loucura (1961-1986)*. In: ROUDINESCO, Elisabeth; et. al. *Foucault; leituras da História da loucura*. Tradução Maria Igenes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARTAUD, Antoine. *Dois textos*. In: COSTA, Flávio Moreira da. (Org.) *Os melhores contos da loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FOUCAULT, Michel. *La folie n'existe que dans une société*. In: Dits et écrits, 1954-1988, I, 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994. / *A loucura só existe em uma sociedade*. In: Ditos e escritos, vol. I. São Paulo: Forense Universitária, 1999.

_____. *La folie et la société*. In: Dits et écrits, 1954-1988, I, 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994. / *A loucura e a sociedade*. In: Ditos e escritos, vol. I. São Paulo: Forense Universitária, 1999.